

O (DES)ENLACE DE UMA ESTÓRIA NA ECOLOGIA

POR CAROLINA LUSITANO (MESTRADO/ POÉTICA)

A enigmática questão do amor, tão exposta desde sempre na literatura, será pensada no presente trabalho.

A opção de caminho a ser seguido foi a de interpretação de um conto que conduz a questões entrelaçadas e difusas como os pólos liberdade e destino. Para pensá-las, antes foi necessário falar da ecologia enquanto o estudo da habitação. Da ecologia, entende-se a busca por um espaço próprio, visado por todo ser humano.

Para tratar dessa busca, desse habitar, um dos teóricos usado foi Heidegger. Além dele, também Octávio Paz e Platão foram importantes no processo de compreensão da temática.

“Na entrada-das-águas , tempo de afã em toda fazenda-de-gado nos Gerais, um vaqueiro de fora chegou à do Pinhém. Era de tarde, sob um rebuço de calor – o quente de chuva – quando as nuvens descem com peso e a camisa se cola em corpo de homem; dia de meio céu. A pulso fora o esforço: de trezentas vacas parideiras, quantia delas aviavam parição, com a passagem da lua; e as boiadas bravas, trazidas de outros sertões, já ao primeiro trovão de outubro se lembravam de lá e queriam a arribada, se alçando dos enormes pastos sem cercas; carecia rebatê-las.” (ROSA;2001: 175)

Com essa narrativa, João Guimarães Rosa irá iniciar o seu conto/romance “A estória de Lélío e Lina”.

Nesse primeiro parágrafo, notemos o trecho no qual é assinalada a chegada de um vaqueiro de fora ao Pinhém. Para caminharmos em reflexão, cabe iniciar o pensamento com a pergunta: qual o intuito de quem chega? Diversas poderiam ser as respostas, de acordo com a circunstância, talvez. Mas certo é que no dia-a-dia, os locais de chegada são comumente os mesmos, buscados por uma finalidade prática. Contudo, ao tratarmos de Lélío, a sua chegada manifesta algo a mais não tão explícito, ainda, nesse início de estória.

Poderíamos pensar que Lélío do Higino chega ao Pinhém em busca de terras mais férteis mas o conto vai descartando essa possibilidade. O Pinhém não é local de riquezas. “Está passando?”, pergunta o personagem seo Senclér (ROSA; 2001:177). E responde Lélío: “Nhor não. Estou alheio.” Ainda mais a frente diz a narrativa: “Seo Senclér demorava. Gostava do em-ser do vaqueirinho, do rumo de suas respostas.”

Lélio, então, vai se configurando como esse vaqueirinho à toa, em busca de nada, mas que de certo modo desperta simpatia. Não contentes, outros personagens também interagem, interrogativos acerca do destino de Lélio. Trata-se do vaqueiro Aristó: “Pois, veio por caçar no Chapadão o lume da fama do pai?” E responde Lélio: “Também Nhor não. Só saudade de destino.” Assim, na “simples complexa” resposta da personagem, pode-se compreender melhor essa aparente ausência de caminho.

Trata-se de um homem de alma esvaziada, sem nenhuma preocupação, sem nenhuma legítima saudade. No Pinhém, aos poucos vai se encontrando, vivenciando, percebendo o novo momento de sua existência. Ar de novidade. Cansara dos outros lugares onde tudo acontecia já envelhecido. Agora era o novo. Percebia o quanto necessitava há tempo dessa quebra, dessa outra instauração.

Mas ainda não estava satisfeito. Não estava pleno: “E mulher, mulher no simples, para a precisão da gente? Será que por aqui não tem?...” Lélio pergunta. Em muitas mulheres Lélio pensa ter se apaixonado, já no Pinhém, e cada uma, a cada vez, pensa ter encontrado destino, a descoberta do sentido de sua ida. Todavia, o desencontro amoroso torna-se cena repetida, direcionada sempre à mesma personagem.

Com as sucessivas ilusões e desilusões, o conto agora nos coloca em confronto com uma questão mais complexa: existe destino? Se existe, em que espaço cabe a liberdade humana? Como conciliar destino e liberdade? Lélio acha, por vezes, que encontrou a pessoa de sua vida, seu destino, sua saudade guardada e não entendida. Porém, amor é encontro e, como tal, está arriscado a sofrer a decepção do desencontro. E é justamente isso que ocorre no conto. A realização esbarra na problemática da liberdade humana. A pessoa/personagem é livre para consentir ou não no caminho de sua vida.

Põe-se, no conto, a grande questão: como conciliar o traçado e a possibilidade de desvio? Lélio é um vaqueiro. Ser inquietante. Andante. Por onde anda? Em busca de um *oikós*. Da integração da ecologia.

Já naquele primeiro parágrafo do conto/romance de João Guimarães Rosa, “A estória de Lélio e Lina”, podemos notar que os acontecimentos da natureza são de extremo valor vital. A paisagem não constitui apenas um pano de fundo agradável destinado a conceder suporte às personagens, para que estas transitem em redor do descrito sem compromisso com o mesmo. As imagens de “tarde”, “sob sob um rebuço de calor”, “o quente de chuva”, a “camisa” colada em corpo de homem irão ter influência direta nesses acontecimentos iniciais. Mudando o foco habitual da narrativa, que normalmente está centrado no homem, o autor destaca a relação da passagem da lua e sua influência

no momento de parir das vacas. Além disso, também as boiadas bravas que não eram daquele local, no primeiro trovão do mês de outubro se lembravam (expressão bela usada para explicar determinadas reações dos bois) de outros sertões e desejavam retornar. Percebe-se, desse modo, não só os homens tendo suas reações guiadas pelos impusos do tempo e pelas manifestações da natureza (enquanto doação que se mostra) mas também os animais inseridos nesse diálogo, destituídos de fala.

No decorrer da escrita do conto, quando os vaqueiros conversam entre si, observamos o como encontram-se rodeados e imersos nos animais, na natureza (fundada). Eles dialogam com a terra. Sabem que dela depende seu sustento, sua salvação. Para o homem essencialmente ligado à cidade, o tempo só está bom se não o incomoda. A temperatura deve manter-se amena, sem frio ou calor. E os animais são ótimos companheiros desde que eles não fiquem doentes e dêem despesas pois, caso contrário, tornam-se objetos descartáveis, passíveis de serem jogados em lixeiras.

A fim de resolver o problema dos maus tratos com os animais, da poluição do meio ambiente e do desmatamento, muitas campanhas têm sido feitas. Tal argumento constitui fato inegável. Contudo, de todas as organizações, fica faltando o pensar a própria ecologia em si. O que na ecologia é essencial de ser pensado? De acordo com Manuel Antônio de Castro (1992, p. 13)

“A ecologia não é, primordialmente, um problema econômico e político, mas, sim, um problema de relação do homem consigo mesmo, com os outros e com as coisas. (...)”

“A ecologia implica o sentido do homem e do universo em seu ser.”

Sendo a ecologia um problema do homem consigo mesmo e com as coisas, não basta que voltemos nossas preocupações para o fundado da natureza sem estudarmos antes o próprio homem. Na ecologia o homem tem a possibilidade de encontrar o sentido das coisas, dos outros e do universo.

Oriunda de dois termos gregos, *oikos* e *logia* (do verbo *leguein*), o significado central do termo ecologia seria não natureza mas habitação. Logo, as coisas que nos cercam, as “coisas da natureza”, não estão simplesmente diante do homem para que este as utilize segundo o seu desejo. Elas fazem parte da habitação do homem que, enquanto ser humano, habitante, não faz das coisas objetos de posse, aniquilando-as, mas cuida, guarda aquilo que também lhe é próprio. Guardando as coisas, a natureza, o

homem deixa que elas sejam aquilo que são e, assim, ganha mais pois passa a tratar as coisas como coisas e não enquanto objetos.

O conto inaugura um 2º momento marcado por uma singela semelhança com o início. A cena novamente é focada na entrada-das-águas, do Pinhém, local de onde Lélío surgira pela 1ª vez em sua chegada de outros rumos. É outubro; troveja forte; Lélío põe-se a andar reto, sozinho, a fim de pensar nas mudanças ocorridas em sua trajetória desde que chegara. O ambiente é entrelaçado com as reflexões de Lélío, como num círculo no qual se busca a ponta inicial mas não se encontra. Só há um círculo. A motivação (ou a ausência dela) de ter ido para o Pinhém e todos os acontecimentos ali ocorridos, agora faziam-se presentes no pensamento de Lélío gerando a sensação de uma “confusão tristonha”. Pensava em todos que conhecera; pensava nas mulheres e nos desencontros.

Conhecera uma moça, uma mocinha, a qual tinha viajado para Paracatú. Parecia que Lélío teria se apaixonado por ela:

“... por algum destino de encanto ela para ele havia de ser sempre linda no mundo, um confim, uma saudade sem razão.” (ROSA; 2001:184)

Essa suposta paixão, contudo, ao longo da narrativa percebemos, que era destituída de corpo, guiada por uma idealização, como os românticos faziam com suas amadas, como denominamos vulgarmente de “amor platônico”. Pensar nela, na mocinha de Paracatú, era pensar como se estivesse rezando. Paracatú era o lugar mais longe do mundo.

Necessidade sentia de “carinhos mais fortes”. E foi então que resolveu procurar as famosas “Tias”, as prostitutas da região. Sabia que ali não era destino, era só satisfação de carência. A sair de lá, “consertava seu ser”. Gostava. Mas depois, sentia nojo, vontade de não mais voltar. Voltava.

Nessa busca por mulher, por destino, conhece a Manuela, a das pernas grossas, “tão sadia que a gente achava que ela devia de ter um cheiro gostoso”. Pensava que com ela podia se casar, ia dar certo. Porém, outro se apaixona por ela. Ficam noivos. Caminhos da vida...

E a Mariinha, nome fininho, frio de bonito. Por ela também pensara se apaixonar. Surge uma amizade. Conversam muito, gostam de estar um com o outro. Mas ela tem

um segredo. Gosta de outro, casado, que vai embora, mas não é de Lélío que ela gosta. Desencontros...

Pela Jiní, mulher de outro, Lélío sente atração. O marido um dia viaja e o envolvimento entre os dois se inicia. Não há palavras, só relacionamento com o corpo:

“Não via o mingó amor, não sentia que ele mesmo fosse para ela uma pessoa, mas só uma coisa apreciada no momento, um pé de pau que ela carecesse.” (ROSA; 2001: 255)

A Jiní é a imagem de um corpo sem espírito. Encontram-se muitas vezes mas Lélío não se satisfaz.

Em todas as mulheres, Lélío busca algo, deseja talvez um restabelecimento desse eu lacunar, espaçoso, livre em demasia, solto de uma soltura que provocava nostalgia. Porém, com nenhuma dessas encontra aquilo que busca.

Em um trecho já adiantado da narrativa, Lélío decide andar a “meio rumo”, ao “deusdar”. Acredita que a caminhada irá culminar em uma vereda. Até que encontra uma moça, uma mocinha, que, na verdade, é uma velhinha. Escuta sua voz cantando, voz esta que era uma força de sossego, um estado inexplicável que ele mesmo nunca ia saber recordar exato aquele vazio de momento. Sentiu paz. Era a Rosalina, ou Lina, que conhecia. Seria Lina a parte ausente do habitar de Lélío?

Vimos que pensar a ecologia é o mesmo que pensar o habitar. Agora, cabe questionarmos, no conto, em que medida Lélío descobre-se em sua habitação quando se desloca em direção ao Pinhém? Qual era a sua procura?

O estudo da ecologia tem como premissa a idéia de que tudo está ligado a tudo. Todas as coisas têm relações entre si. Guimarães Rosa, com as imagens das personagens Lélío e Lina, irá unir elementos tão separados ao longo da história do ocidente: corpo e alma. A sensação de Lélío, ao conhecer Lina, é de serenidade. Lélío figura como alguém que não sabe dos seus sentimentos, não os entende. Ele é a imagem mais forte de uma razão pura. A Lina entende os sentimentos dele, fala com o coração. Era ela a ensinar a Lélío aquilo que ele estava a sentir. E este, em sua presença, ia aprendendo a ter coração também, abria seus pensamentos e ela, Lina, traduzia-os em sentimentos. Lina compreendia as duas linguagens, a do pensar e a do sentir. Em qualquer caso da vida, dela ou dos outros, sabia tirar lição e aprender. Sabia também tirar conversa à toa, das coisas, do mato, dos bichos, da noite... Ela seria uma espécie de berço que acolhe e cuida do outro. Tão à vontade, em Lina podemos dizer que Lélío habita.

Não houve necessidade de uma construção para que Lélío habitasse, tal qual um motorista de caminhão, em auto-estrada, sente-se e está de fato em casa, ainda que ali não seja a sua residência composta por teto e paredes convencionais. Isso se deve ao fato de que a habitação

“...não pensa um lugar mas a abertura do homem para tudo que, de algum modo, é (...) No âmbito desta abertura se realiza desde sempre o encontro com os seres que, nela e por ela, se fazem manifestos.”

(LEÃO,1977: 14).

O homem é a medida que habita. Habitar é o traço fundamental do ser homem. É deixar-se tomar pela linguagem, é o resguardar, ou seja, deixar algo entregue de antemão ao seu vigor de essência. Por isso Lélío encaminha-se pelas vias da estranheza nos momentos que tinha trato com as prostitutas. Ele comportava-se como senhor da linguagem, enquanto sujeito livre de um apelo interno mais forte que o mero apelo da necessidade.

Lélío irá descobrir parte de sua habitação no Pinhém ao conhecer Lina. O Pinhém, como poderíamos pensar, não é seu lugar de chegada definitiva, mas um caminho de completude possibilitado por sua abertura no trato com as pessoas e as coisas. Lélío vai em busca de destino e descobre, não o seu destino, mas as diversas possibilidades de caminhos que a vida oferece.

Em *Banquete*, livro de Platão, as discussões realizadas em torno do Amor conduzem a uma espécie de teoria acerca do tema tratado. No discurso de Aristófanes, é trazido à fala um antigo mito: o do andrógino. Segundo este, haviam três sexos: o masculino, o feminino e o andrógino, composto por seres duplos. Estes últimos, poderosos, foram castigados por revoltarem-se contra os deuses. Zeus decidiu, então, dividí-los. Seccionou-os em duas partes para que ficassem mais fracos. Diz a narrativa de Platão:

“Assim seccionada a natureza humana, cada uma das metades pôs-se a procurar a outra. Quando se encontraram, abraçaram-se e se entrelaçaram num insopitável desejo de novamente se unirem para sempre.” (PLATÃO, 121)

Com o aparente intuito de dar explicações acerca do mundo e dos homens, o mito, na verdade, nada explica. Respondem ao mistério com outro mistério. Contudo, eclode em sua leitura um forte apelo de verdade. O mito do andrógino desperta em nós, seres humanos, a ressonância de que somos seres incompletos e o desejo amoroso é uma sede

infinita de completude. Além disso, deparamo-nos com o difícil nó no que diz respeito às relações amorosas: a questão da liberdade e da predestinação. Ora, se o andrógino foi seccionado, haverá, então, a parte perfeita que deve ser encontrada?

A imagem desse mito faz-nos enxergarmos com outros olhos o conto que até aqui vem sendo trabalhado e essa complexa temática. Lélío é o perfeito exemplo desse ser incompleto e confuso no que tange os pólos liberdade e predestinação. Mas, como não é Lélío quem sabe e diz de seus sentimentos, necessário é que nos voltemos para a personagem Lina.

Para compreendermos Rosalina em profundidade, devemos pensar em mais uma passagem de *Banquete*. O discurso de Sócrates irá trazer à fala uma inusitada personagem feminina: Diotima. Sábia sacerdotisa estrangeira, Diotima irá expor a “sua” doutrina acerca do amor. Ela é a imagem de uma profetiza anciã cujas palavras conduzem a uma descida às origens, ao reino das mães, lugar das verdades primordiais. Ela põe-se a falar de Eros. A preposição entre seria a que melhor o definiria pois Eros não é nem um homem nem um deus. Sua missão é comunicar e unir os seres vivos. É o liame que une o Todo a si mesmo. Seu objeto de amor é precisamente o que é belo. Como a sabedoria é uma das coisas mais belas que há, logo, Eros é um filósofo, ocupando um meio-termo entre o sábio e o tolo pois busca constantemente a sabedoria sem, contudo, tê-la de fato.

Diotima vê o amor como uma escalada na qual, embaixo, está o amor a um corpo belo. Depois, passa-se a à beleza de muitos corpos e, por fim, à própria beleza. Já em um patamar elevado, chega-se à alma virtuosa e, como alcance, à beleza incorpórea. O amor é o caminho, a ascensão até essa beleza.

A personagem Lina, não por coincidência, é também uma sábia anciã e suas palavras possuem um poder de retirar o homem de seu estado cotidiano, irreflexivo, para conduzi-lo ao pensamento das origens, das verdades primordiais. Em diversos trechos do conto, temos sinalizado a indicação de que Lina não é só uma simples velhinha. No primeiro encontro com Lina, Lélío, por sua voz, pensa ser esta uma mocinha. Em seu cantar, é arrebatado por uma “força de sossego”:

“(…) Era um estado – sem surpresa, sem repente – durou como um rio vai passando.” (ROSA; 2001:232)

“(…) Viu riso, brilho, uns olhos – que tivessem de chorar, de alegria só era que podiam... -; e mais ele mesmo nunca ia saber, nem recordar ao vivo exato aquele vazio mesmo de momento.”

(ROSA; 2001: 232, 233)

“(…) Era diversa de todas as outras pessoas” (ROSA; 2001: 233)

Lina é a imagem de Guimarães Rosa que irá criar uma nova teoria acerca do amor. A personagem possui traços que nos remetem à Diotima, o que nos diz já de um diálogo com Platão para, na verdade, dizer algo novo, diverso. Para Platão, o amor não é propriamente uma relação, é uma aventura solitária com destino à contemplação do belo. Desse modo, não aparece a condição necessária do amor que se presentifica no outro ou na outra, que aceita ou rejeita o amor alheio. Não fica explícita a liberdade de cada ser. E amor, no Ocidente, é um destino livremente escolhido. Ou seja, para que o “destino” se cumpra, é necessária a cumplicidade entre os amantes. Lina vai tratar isso com simplicidade. Ela sabe das coisas, possui trato com as coisas.

“Velhinha como uma flor”, Rosalina, agora, pela idade, segundo ela diz de modo espirituoso, apenas Lina pois rosa ela já não é mais, é a parte que seria capaz de completar Lélío. A metade do Andrógino. Porém, como a vida não é regrada pelos pólos de causa e consequência, o conto nos coloca a ausência de uma lógica linear, tão desejada pelo ser humano. Amor é acaso também, é resposta, é exercício de liberdade. Lina é a confirmação disso. Ela nasce em outra época:

“(…)Agora é você que vem vindo, e eu já vou-m`bora. Agente contraverte. Direito e avesso... Ou fui eu que nasci demais cedo, ou você nasceu tarde demais.” (ROSA; 2001: 238)

A partir da vivência com Lina, Lélío sente viver uma lembrança comprida, mas sem paragens. Entende agora que o amor é uma “saudade sem razão”. Restabelece, em Lina, sua metade perdida. No final, ambos decidem ir para outro lugar juntos, como mãe e filho pois Lélío pede:

“Mãe, vamos juntos. Se não, eu sei, eu tenho a sorte tristonha.” (ROSA; 2001:310)

E num diálogo com a essência daquilo que é o mito, partem dizendo:

“Ele a ela: - É nada? E ela a ele: - É tudo.” (ROSA; 2001:311)

Desse modo, termina a narrativa. Junto aos mitos, Lélío e Lina encontram seu lugar.

Estudar ecologia, é estudar a habitação. Situar o homem em seu lugar no mundo é sua intenção.

A questão da ecologia ainda é pouco estudada hoje. Muito se fala dela mas, na verdade, poucos a compreendem em seu sentido mais complexo. O homem, inserido nela como está, busca o sentido do seu ser no encontrar-se junto a essa habitação. Não se trata bem de algo espacial. Contudo, muitas vezes é necessário o deslocamento para travar um movimento de busca. É nesse caminho que a personagem Lélío irá seguir. O encontro com Lina será a imagem de um repouso no sereno habitar.

O amor não é destino, como foi encarado no ocidente pois a liberdade humana interfere na aceitação ou não de um amor. Guimarães Rosa, em seu conto, põe essa questão e, não só, como também formula uma nova teoria acerca do amor posta nos lábios da sábia anciã Lina.

Referência bibliográfica

CASTRO, Manuel Antônio de. “Ecologia: A Cultura como Habitação.” In: Ecologia e Literatura. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

HEIDEGGER, Martin. “Construir, habitar, pensar”. In: Ensaio e Conferências. Petrópolis: Vozes, 2002.

PAZ, Octávio. “Eros e Psiquê”. In: A Dupla Chama. Ed. Siciliano, 1993.

PLATÃO. Banquete. Ed. Martin Claret, 2003.

ROSA, João Guimarães. “A estória de Lélío e Lina”. In: No Urubuquaquá, no Pinhém (Corpo de Baile). 9ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.